

Filho, Elio Moroni. O patrimônio invisível: arquitetura popular urbana de municípios do período colonial brasileiro. *GeoGraphos*. [En línea]. Alicante: Grupo Interdisciplinario de Estudios Críticos y de América Latina (GIECRYAL) de la Universidad de Alicante, 2 de junio de 2016, vol. 7, nº 87 (16), 14 p. [ISSN: 2173-1276] [DL: A 371-2013] [DOI: 10.14198/GEOGRA2016.7.87(16)].



<http://web.ua.es/revista-geographos-giecryal>

Vol. 7. Nº 87 (16)

Año 2016

## **O PATRIMÔNIO INVISÍVEL: ARQUITETURA POPULAR URBANA DE MUNICÍPIOS DO PERÍODO COLONIAL BRASILEIRO<sup>1</sup>**

Elio Moroni Filho

Grupo de Pesquisa Cidade, Arquitetura e Preservação em Perspectiva Histórica  
Departamento de História da Arte da Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, Brasil  
Correio eletrônico: [moronifilho@hotmail.com.br](mailto:moronifilho@hotmail.com.br)

---

<sup>1</sup> Artigo aprovado no XII Congresso Internacional de Reabilitação do Patrimônio Arquitetônico e Edificado – CICOP (Brasil, 2014); III Colóquio Ibero-Americano Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto (Brasil, 2014); I Simpósio Internacional: Patrimônios (Brasil, 2015); IV Congresso Internacional em Patrimônio e Desenvolvimento Sustentável – PYDES (Brasil, 2015).

## RESUMO

No Brasil, ações institucionais de preservação de bens imóveis tem foco principal na arquitetura erudita, colocando em segundo plano de importância a arquitetura produzida por indivíduos com formação escassa e empírica. Este trabalho contribui para o reconhecimento da arquitetura popular (vernáculo) como patrimônio cultural. Trabalha-se na criação de acervo fotográfico de edificações e equipamentos urbanos produzidos durante o período colonial, nos municípios de Tiradentes, Mariana, Ouro Preto e Diamantina (Minas Gerais). São realizadas visitas *in loco* para reconhecimento e seleção de objetos a serem fotografados. O registro fotográfico é realizado com câmera digital reflex de objetiva simples, privilegiando-se objetos cuja deterioração permite a observação de materiais e técnicas construtivas. Como resultado parcial da pesquisa, foram produzidas 4.522 imagens, documentando o abandono de edificações residenciais e chafarizes setecentistas e oitocentistas, bem como a descaracterização de exemplares de edificações coloniais populares habitadas, cujas paredes de adobe e pau-a-pique são substituídas por alvenaria de tijolos pelos moradores. Tornam-se necessárias ações para o reconhecimento – no âmbito do Poder Público e das comunidades locais – da relevância histórica da arquitetura popular, entendida como produto articulado e coerente de contribuições das culturas distintas que formaram essa região do Brasil.

**Palavras-chave:** Arquitetura colonial brasileira, arquitetura popular urbana, levantamento fotográfico.

## EL PATRIMONIO INVISIBLE: ARQUITECTURA POPULAR URBANA DE LOS MUNICIPIOS DE LO PERIODO COLONIAL BRASILEÑO

### RESUMEN

En Brasil, las acciones institucionales para la conservación de bienes raíces tiene un enfoque principal en la arquitectura clásica, colocando segundo plan importante de la arquitectura producida por personas con poca formación y empírica. Este trabajo contribuye al reconocimiento de la arquitectura popular (vernacula) como patrimonio cultural. Se está trabajando para crear la colección fotográfica de edificios y equipamientos urbanos producidos durante el período colonial, en las ciudades de Tiradentes, Mariana, Ouro Preto y Diamantina (Minas Gerais). Visitas se llevan a cabo en el sitio de reconocimiento y selección de objetos a ser fotografiada. El registro fotográfico se realiza con el objetivo sencilla cámara digital reflex, privilegiando objetos cuyo deterioro permite la observación de los materiales y técnicas de construcción. En parte como resultado de la investigación, se produjeron 4.522 imágenes, que documenta el abandono de edificios residenciales y fuentes del siglo XVIII y del siglo XIX y la caracterización errónea de copias edificios coloniales habitadas populares, cuyas paredes de adobe y zarzo y barro son sustituidos por ladrillo a los residentes. Se convierten en acciones necesarias para el reconocimiento - en el Gobierno y las comunidades locales - la relevancia histórica de la arquitectura popular, entendida como articulada y coherente producto de las contribuciones de las diferentes culturas que dieron forma a esta región de Brasil.

**Palabras clave:** Arquitectura colonial brasileña, arquitectura popular urbana, encuesta fotográfica.

# THE INVISIBLE HERITAGE: URBAN VERNACULAR ARCHITECTURE OF BRAZILIAN MUNICIPALITIES FROM COLONIAL PERIOD

## ABSTRACT

In Brazil institutional actions for the preservation of real estate has a primary focus on classical architecture, placing second important plan the architecture produced by individuals with little training and empirical. This work contributes to the recognition of popular architecture (vernacular) as cultural heritage. Work is underway to create photographic collection of buildings and urban equipment produced during the colonial period, in the municipalities of Tiradentes, Mariana, Ouro Preto and Diamantina (Minas Gerais). Visits are carried out on site for recognition and selection of objects to be photographed. The photographic record is performed with reflex digital camera simple objective, privileging objects whose deterioration allows the observation of materials and construction techniques. Partly as a result of the research, 4,522 images were produced, documenting the abandonment of residential buildings and eighteenth-century and nineteenth-century fountains and the mischaracterization of popular colonial buildings inhabited copies, whose adobe walls and wattle-and-daub are replaced by brick by residents. They become necessary actions for recognition - within the Government and local communities - the historical relevance of folk architecture, understood as articulated and coherent product of contributions from different cultures that shaped this region of Brazil.

**Keywords:** Brazilian colonial architecture, urban popular architecture, photographic research.

## INTRODUÇÃO

Entende-se por arquitetura popular aquela que exclui a arquitetura realizada para as elites – denominada erudita – e a dos excluídos, em que, atualmente, tem-se usado o termo *favela* e outros termos semelhantes. O termo *popular* possui origem na palavra latina *populus*, que designava as camadas intermediárias da população, excluindo o conjunto dos cidadãos mais privilegiados (a quem estava reservada a representação no senado) e também os menos afortunados, os despossuídos. Em seu sentido mais direto, o termo *popular* significa aquilo que é próprio das camadas intermediárias da população. (Weimer, 2012). Nessa direção, Silva (1994) classifica como arquitetura popular aquela produzida por elementos não especializados, como os próprios usuários, ou construtores de ofício com formação escassa e predominantemente empírica.

A literatura especializada ainda reserva pouca atenção à arquitetura popular brasileira. Relativamente a essa arquitetura, existe uma bibliografia fundamental, apontando para a origem e as características da casa brasileira (Teixeira, 2008). No presente, num momento de retomada da historicidade nas cidades e na arquitetura – com ênfase na diversidade cultural – estão sendo elaborados estudos que investigam a arquitetura popular como elemento de expressão das diversas correntes imigratórias que formaram a sociedade brasileira. Constituem exemplos dessa tendência: o estudo de Milano (2010) sobre a formação da vila operária de imigrantes italianos em Galópolis, em Caxias do Sul (Rio Grande do Sul); a pesquisa de Vieira (2008) sobre a configuração urbana e arquitetônica das antigas

comunidades formadas por imigrantes italianos em Santa Catarina; o estudo de Henning (2007) sobre a arquitetura da colônia alemã-bucovina no Paraná. Ainda pode ser citado o trabalho de Gonçalves (2008) sobre os métodos construtivos das edificações de imigrantes japoneses em Registro, no Estado de São Paulo. Bosenbecker (2011) realizou pesquisa sobre a contribuição dos imigrantes pomeranos para a arquitetura da Serra dos Tapes, no Rio Grande do Sul.

No que diz respeito à arquitetura colonial mineira, Silva (2005) realizou estudo sobre a preservação do patrimônio edificado em Ouro Preto e Mariana. Faria (2011) descreveu a influência africana na arquitetura de terra de Minas Gerais. Parecem ser escassos, até onde se conseguiu investigar, trabalhos específicos sobre o patrimônio edificado popular urbano de cidades mineiras do período colonial. São necessários mais estudos cujo foco seja o inventário e a preservação das edificações tradicionais populares. Nessa direção, o presente artigo pretende contribuir para o reconhecimento e valorização da arquitetura popular como patrimônio cultural. Especificamente, trabalha-se na criação de acervo fotográfico de edificações e equipamentos urbanos populares, produzidos durante o período colonial, nos municípios de Paraty; Tiradentes; Mariana (incluindo Distritos); Ouro Preto (incluindo Distritos); Diamantina. O acervo fotográfico visa aprimorar o conhecimento das características desse patrimônio, bem como contribuir para a formação de uma base de dados – consistente – para elaboração de diagnóstico sobre a extensão, o estado de conservação e o risco de desaparecimento das edificações e equipamentos urbanos populares do período colonial, sobretudo em Minas Gerais.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa de campo – que se encontra em andamento – teve início em janeiro de 2014, com a visita do pesquisador as cidades de Tiradentes, Mariana, Diamantina e Ouro Preto (incluindo seu Distrito Lavras Novas), no Estado de Minas Gerais. A viabilidade financeira da execução deste trabalho levou o pesquisador a restringir o recorte geográfico da pesquisa. Assim, foram selecionados, para estudo aprofundado e detalhado – caracterizado como estudo de caso – os municípios de Mariana (primeira capital de Minas Gerais e patrimônio nacional) e Ouro Preto (patrimônio nacional e mundial).

Por meio de informações recebidas da Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Mariana, percebeu-se a necessidade de percorrer os Distritos de Mariana, cujas origens remontam ao século XVIII e que possuem casario colonial. São eles: Bandeirantes; Cachoeira do Brumado; Camargos; Cláudio Manoel; Furquim; Monsenhor Horta; Padre Viegas; Passagem de Mariana; Santa Rita Durão. Assim, em maio de 2014, foram visitados os Distritos Cachoeira do Brumado, Furquim, Monsenhor Horta e Padre Viegas. Em julho de 2015, o pesquisador visitou, em Mariana, os Distritos de Bandeirantes, Santa Rita Durão e Passagem de Mariana. Prevê-se a continuidade da pesquisa de campo no primeiro semestre de 2016, quando serão visitados os distritos de Camargos e Cláudio Manoel, em Mariana, e a cidade e os distritos de Ouro Preto.

Nos municípios visitados, a seleção dos objetos orientou-se pelos critérios de classificação da arquitetura popular, definidos por Weimer (2012): simplicidade, por ser o resultado da utilização dos materiais fornecidos pelo meio ambiente; adaptabilidade de técnicas às circunstâncias locais; criatividade em termos de imaginação formal e no emprego de materiais

de construção; forma plástica como resultado da técnica e dos materiais empregados; evolução multissecular e respeito às tradições culturais do grupo.

Ao se chegar às cidades e aos distritos (por meio de ônibus ou táxi), as ruas são percorridas a pé, sendo que o registro fotográfico está a ser realizado com câmera digital reflex de objetiva simples (marca NIKON, modelos D3200 e D7100), privilegiando-se objetos cujo estado de deterioração permite a observação dos materiais e técnicas empregados em sua elaboração. A interação com os moradores locais mostra-se essencial para a pesquisa de campo, pois eles indicaram a localização de artefatos e forneceram outras informações relevantes para esta pesquisa.

Paralelamente a pesquisa de campo, realiza-se o agrupamento das imagens nas seguintes categorias de análise: tipologias; materiais e técnicas construtivas. Como resultado parcial da pesquisa, foram produzidas 4.522 imagens capturadas nos formatos JPEG e RAW, que estão sendo selecionadas para, em seguida, serem manipuladas digitalmente, de modo a corrigir distorções de perspectiva. Muitas imagens são repetidas, pois o objetivo é realizar a melhor fotografia, em locais que talvez não possam ser novamente visitados pelo pesquisador. Este artigo é a primeira sistematização dos dados coletados durante a pesquisa de campo.

## **TIPOLOGIAS**

Nos municípios visitados, observou-se a existência de moradias de porta e janela (uma porta e uma janela); meia-morada (duas janelas);  $\frac{3}{4}$  de morada (três janelas); morada inteira (porta central com duas janelas de cada lado); morada e meia (uma porta com cinco ou mais janelas). Também foram encontrados sobrados e solares, que não possuem caráter eminentemente popular e, por isso, não fazem parte desta pesquisa. Essa tipologia é descrita, com maior nível detalhe, por Figueiredo, Varum e Costa (2011) e Weimer (2012). Ao pesquisador – muitas vezes confundido com “funcionário do IPHAN” – não foi permitido o acesso ao interior da maioria das moradias fotografadas.

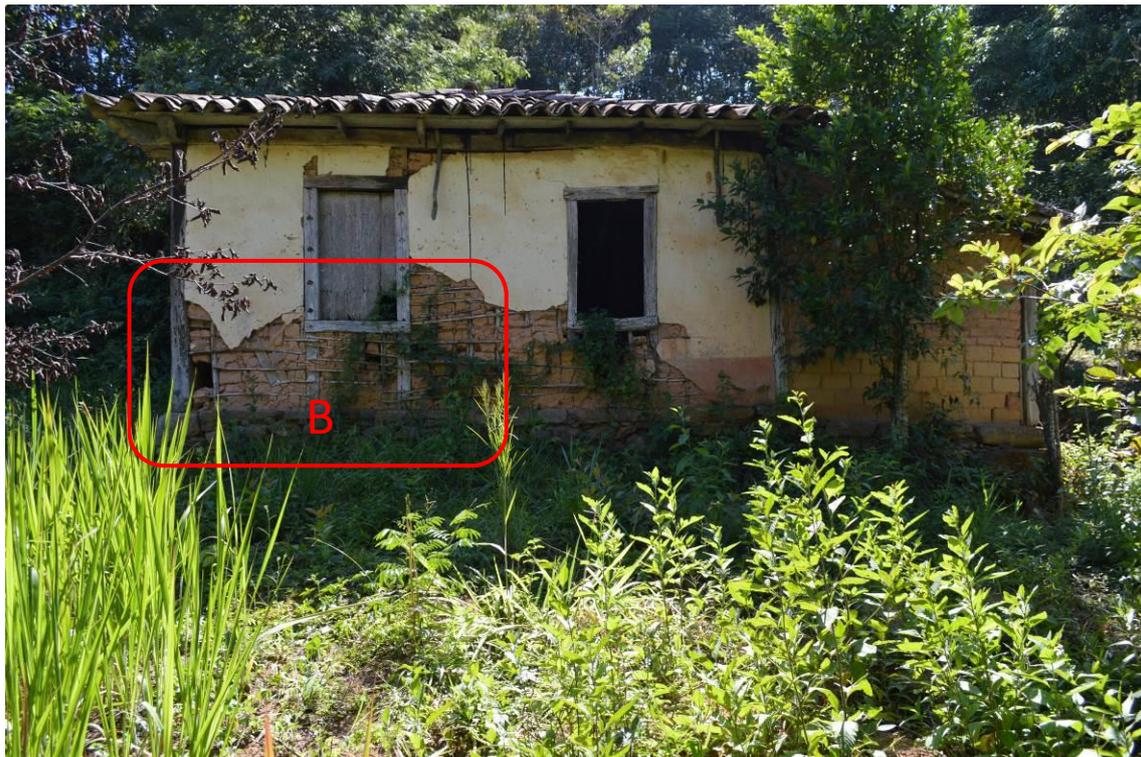
## **MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS**

As técnicas construtivas – e seus respectivos materiais –, registrados durante a pesquisa de campo, são apresentados nesta seção. Até o momento da elaboração deste artigo, foram encontradas construções de materiais orgânicos (pau-a-pique), construções de terra (adobe e cerâmica) e construções de pedra. Parece ter sido usual, entre os construtores anônimos, a combinação de diferentes técnicas na mesma edificação, exemplificada pelas Figuras 1 (A) e 2 (A e B) – neste caso, paredes de pau-a-pique e adobe na mesma edificação.

A Figura 1 (A e B) mostra um exemplar de construção de pau-a-pique, existente no Distrito Cachoeira do Brumado, no município de Mariana. O pau-a-pique é uma técnica que consiste em tomar troncos e galhos de madeira razoavelmente retos, que numa das extremidades são fincados no chão e na extremidade superior são fixados a um suporte horizontal – normalmente vigas que servem de suporte para a estrutura do telhado. Trata-se, por assim dizer, de uma grade de madeira cujas frestas são preenchidas por barro. Essa técnica pode apresentar uma variante na qual a madeira, em lugar de ser fincada no chão, apoia-se sobre um baldrame. Porém, a Figura 1 (B) mostra que o construtor anônimo encontrou outra

solução: os galhos apoiam-se diretamente sobre o fundamento de pedra, sem a existência de baldrame ou galhos fincados no chão. Observou-se que os esteios (um deles pode ser visto em 1 –B) também se apoiam na fundação de pedra. A casa – que está abandonada – não possui instalações elétricas e hidráulicas, bem como cômodos destinados a higiene pessoal (banheiros). Em todos os cômodos, o teto é de palha trançada e as janelas não possuem vidraça. A cozinha possui paredes de adobe e piso de terra batida. Nos outros cômodos, o piso é de madeira (tábuas de madeira sobre vigas dispostas na terra batida).

**Figura 1. Brasil. Estado de Minas Gerais. Município de Mariana. Distrito de Cachoeira do Brumado. Arquitetura doméstica em terra: casa de pau-a-pique e adobe.**



A



**B**

Fonte: Elio Moroni Filho (janeiro de 2014)

Adobe é o tijolo cru, feito de argila compactada dentro de uma armação de madeira. O adobe é curado ao vento e ao sol, adquirindo maior resistência e podendo ser assentado com argamassa de barro. Fibras vegetais ou fibras animais podem ser misturadas a argila, tornando o adobe mais resistente ao aparecimento de fissuras. O adobe é utilizado nas edificações representadas pela Figura 2 (A, C, D). Em 2-A, a parede lateral e o muro são feitos de adobe. Em 2-D, observa-se um muro de adobe, na cidade de Diamantina. Em 2-C, apenas a parede branca conserva o adobe. Ressalta-se o estado de deterioração e perda de autenticidade dos artefatos representados pelas imagens da Figura 2. O muro de adobe perdeu parte do reboco, estando exposto a intempérie (2-A). A fachada frontal (2-A e 2-B), que parece ser de pau-a-pique (observem-se os galhos na horizontal, em 2-B), recebeu cobertura recente de argamassa de cimento, que dificulta a identificação da técnica construtiva e é elemento alienígena à técnica do pau-a-pique que se supõe ter sido usada nessa parede. Outra edificação residencial, representada por 2-C, conserva o adobe apenas na fachada frontal e em partes das fachadas laterais (na imagem, parede pintada de branco). O material original foi parcialmente substituído por tijolos cerâmicos (*burro* e *vazado*, conforme se observa na imagem). Ainda em 2-C, a cobertura de telhas coloniais foi parcialmente substituída por folhas de zinco. O muro de adobe (2-D) encontra-se sem reboco em meio à vegetação que prolifera em sua base e na cobertura de telhas coloniais. Foram produzidos registros fotográficos detalhados de cada artefato documentado na Figura 2. Porém, por motivo de espaço, não é possível reproduzir todas as imagens neste artigo.

**Figura 2. Brasil. Estado de Minas Gerais. Muro de adobe e suposta parede de pau-a-pique no Distrito de Monsenhor Horte, município de Mariana (A; B); edificação residencial no Distrito de Furquim, município de Mariana (C); muro de adobe na cidade de Diamantina (D).**



**A**



**C**



**B**



**D**

Fonte: Elio Moroni Filho (janeiro de 2014)

No que diz respeito aos materiais cerâmicos, a construção com tijolo é recente na arquitetura brasileira. Sua introdução ocorreu de maneira desigual no país. Nas regiões mineiras do século XVIII, a cerâmica era pouco desenvolvida, pela dificuldade de ocorrência de argila apropriada. Com o aumento da umidade, à medida que as cidades se aproximavam do Equador, maior era o emprego de azulejos nas fachadas, mas esse tipo de revestimento era oneroso. A geminação das casas resolvia parcialmente o problema da umidade, mas construções em declive ou sobrados ao lado de casas térreas expunham essas fachadas. Uma solução engenhosa, encontrada para protegê-las das chuvas, foi o revestimento com telhas canal. (Weimer, 2012). Durante a pesquisa de campo, essa solução foi observada uma única vez, em uma edificação residencial que utiliza telhas canal como revestimento de parte da área de uma parede lateral exposta à intempérie, na cidade de Diamantina. (Figura 3-A). No presente, a ocorrência dessa solução parece ser rara nos municípios estudados pelo pesquisador.

**Figura 3. Brasil. Estado de Minas Gerais. Revestimento de telhas capa-e-canal (colonial), na cidade de Diamantina (A); edificação residencial assentada sobre rocha parcialmente lavrada, na cidade de Ouro Preto (B; C); cavidade escavada na rocha, em Ouro Preto (D)**



**A**



**C**



**B**



**D**

Fonte: Elio Moroni Filho (maio de 2014)

Nas cidades do Ciclo do Ouro, visitadas durante a realização da pesquisa de campo, foi documentado o emprego da pedra em fundações, contornos de aberturas (soleiras, peitoris, ombreiras, vergas) e também na construção integral de paredes de pedra. A Figura 3-B documenta a casa assentada sobre uma rocha parcialmente processada. A rocha – que já se encontrava no local – foi escavada para servir como fundação da edificação. A parede voltada para a rua é de tijolos cerâmicos (o que pode ser uma reforma recente), sendo que a parede lateral é parte alvenaria de pedra preenchida com barro e parte alvenaria de pedra argamassada com cimento, possuindo também reboco (3-C), sendo que estes dois últimos materiais parecem ter sido adicionados em período recente. Esse exemplar de construção de pedra merece estudo mais acurado: até onde se conseguiu investigar, casas assentadas sobre rochas quase brutas ainda não foram documentadas pela literatura brasileira sobre arquitetura popular em Minas Gerais. Também despertam interesse as cavidades – na verdade, pequenas grutas – escavadas lado a lado nas encostas de pedra, nas proximidades da Capela do Padre Faria e do bairro Alto da Cruz, em Ouro Preto. (Figura 3-D). Segundo relato de morador local, essas grutas foram escavadas e utilizadas como casas por imigrantes chineses, que chegaram a Ouro Preto durante o Ciclo do Ouro. Apenas um relato oral – e de uma testemunha não ocular – é insuficiente para esclarecer essa questão, mas a origem e o suposto

uso dessas cavidades sugerem investigação mais cuidadosa. Artefatos semelhantes não foram encontrados nos outros municípios visitados pelo pesquisador. A gruta, documentada na Figura 3 (D), está parcialmente coberta por areia. Observou-se que outras grutas são utilizadas como lixeiras pelos moradores locais. O muro (Figura 4-A) mostra um tipo de alvenaria de pedra seca, formada por blocos retangulares de maiores dimensões (Figura 4-B) e denominada “moledo” pelos habitantes de Tiradentes. A mesma técnica foi observada em paredes de edificações residenciais naquela cidade. Até a publicação deste artigo, a técnica do “moledo”, tal como pôde ser observada em Tiradentes, bem como o próprio termo, não foi registrada nas outras localidades visitadas pelo pesquisador.

**Figura 4. Brasil. Estado de Minas Gerais. Cidade de Tiradentes. Muro de “moledo” (A; B), conforme termo utilizado pelos habitantes daquela cidade**



**A**



**B**

Fonte: Elio Moroni Filho (janeiro de 2014)

Nesta pesquisa, também foi documentada a existência de equipamentos urbanos – notadamente, aqueles que faziam parte do antigo sistema de abastecimento de água das cidades coloniais visitadas pelo pesquisador. Os chafarizes públicos em Ouro Preto (Figuras 5-A e 5-B) parecem não receber cuidados para sua conservação. Na Figura 5-A, observa-se o crescimento da vegetação ao redor do chafariz. Na Figura 5-B, o tanque pode ter sido adição recente. E, segundo relato de morador local – que interpelou o pesquisador durante a produção do registro fotográfico – esse chafariz, datado de 1794 (Figura 5-C), possuía uma carranca, que foi suprimida. O chafariz em Mariana (Figura 5-D) possui tanque que é adição recente, segundo morador local. Tem-se, neste caso, um tipo de adição que pode comprometer a autenticidade do artefato. Os relatos dos habitantes locais parecem reforçar a afirmação de Fonseca e Prado Filho (2008, p. 180). Em seu trabalho sobre o abastecimento de água em Ouro Preto, durante o Ciclo do Ouro, esses autores afirmam que *o morador ou turista hoje, ao se deparar com os chafarizes coloniais sobejantes de Ouro Preto, poderá supor que eles ainda conservam suas formas, detalhes e local originais. A verdade, isto é, as fontes documentais, porém, mostram que parte deles teve seus tanques e carrancas ou trocados ou suprimidos*. Parece opor-se a essa situação o vetusto e rústico chafariz (Figura 5-E) no largo da Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, em Diamantina. Construído em 1787, e “concertado em 1906” (conforme inscrição no próprio artefato), esse chafariz recebe cuidados para sua conservação e parece manter seus elementos originais.

**Figura 5. Brasil. Estado de Minas Gerais. Chafarizes na cidade de Ouro Preto (A;B;C); chafariz na cidade de Mariana (D); chafariz na cidade de Diamantina (E)**



**A**



**C**



**B**



**D**



**E**

Fonte: Elio Moroni Filho (janeiro de 2014)

## CONCLUSÃO

Este trabalho tem documentado o abandono de edificações residenciais e chafarizes setecentistas e oitocentistas, bem como a gradual e constante descaracterização de exemplares de edificações coloniais populares habitadas, cujas paredes de adobe e pau-a-pique são substituídas por alvenaria de tijolos pelos moradores. Tornam-se necessárias ações para o reconhecimento – no âmbito do Poder Público e das comunidades locais – da relevância histórica da arquitetura popular, entendida como produto articulado e coerente de contribuições das culturas distintas que formaram essa região do Brasil. Ao registrar as características construtivas, o estado de conservação e as transformações dos artefatos ao longo do tempo, a documentação fotográfica é fundamental para iniciar um processo que tenha como objetivo reverter e/ou reduzir a deterioração e as intervenções danosas, ao mesmo tempo em que visa à valorização desse acervo, que é patrimônio nacional e mundial. Reconhecer a historicidade da arquitetura popular colonial mineira significa enriquecer esse patrimônio.

## REFERÊNCIAS

BOSENBECKER, V. P. A arquitetura produzida pelos descendentes de pomeranos na serra dos Tapes. Cadernos do LEPAARQ – Textos de Antropologia, Arqueologia e Patrimônio, Pelotas, vol. 8, nº 15-16, 153-177, 2011.

FARIA, J. P. R. Influência africana na arquitetura de terra de Minas Gerais. 2011. 161 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

FIGUEIREDO, M. G.; VARUM, H.; COSTA, A. Patologias que afetam o sistema construtivo das edificações do século XIX em São Luís do Maranhão. In: CONGRESSO INTERNACIONAL SOBRE PATOLOGIA E REABILITAÇÃO DE ESTRUTURAS, 7., 2011, Fortaleza. Anais... Fortaleza: CINPAR, 2011, p. 1-15.

FONSECA, A. F. C.; PRADO FILHO, J. F. Ouro Preto, água limpa: o abastecimento doméstico de água no epicentro do ciclo do ouro. *RBRH* – Revista Brasileira de Recursos Hídricos, vol. 13, nº 3, p. 177-188, 2008.

GONÇALVES, R. B. O sincretismo de culturas sob a ótica da arquitetura vernácula do imigrante japonês na cidade de Registro, São Paulo. Anais do Museu Paulista, São Paulo, vol. 16, nº 1, p. 11-46, 2008.

HENNING, P. Memória, preservação e autenticidade: a colônia alemã-bucovina no Paraná. 2007. 205 f. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

MILANO, D. K. Uma vila operária na colônia italiana: o caso Galópolis (1906-1941). 2010. 184 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SILVA, E. Matéria, idéia e forma. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

SILVA, V. R. F. Estariam Ouro Preto e Mariana preservadas? Remanescentes das formas de construir e viver. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL – ANPUR, 11., 2005, Salvador. Anais... Salvador: ANPUR, 2005. p. 1-18.

TEIXEIRA, C. M. Considerações sobre a arquitetura vernácula. Cadernos de Arquitetura e Urbanismo, vol. 15, nº 17, p. 29-45, 2008.

VIEIRA, S. B. S. Programa da implantação urbana e arquitetônica das colônias de imigração italiana em Santa Catarina. 2008. 135 f. Dissertação (Mestrado em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

WEIMER, G. Arquitetura popular brasileira. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

© Copyright Elio Moroni Filho y Revista *GeoGraphos*, 2016. Este artículo se distribuye bajo una Licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial 4.0 Internacional.



**GIECRYAL**  
GRUPO INTERDISCIPLINARIO DE  
ESTUDIOS CRÍTICOS Y DE AMÉRICA LATINA